

Da Filosofia da Arte

(Trecho de entrevista literária, respondendo à pergunta: — "Compreende que se deva escrever sem uma finalidade social, por mero diletantismo? Em caso afirmativo, admite a "arte pela arte"? Como justifica o seu modo de ver a respeito?)

Para "Tapejara" — LOURIVAL SANTOS LIMA

— Tenho para mim que a arte é expressão do homem e, por conseguinte, da civilização em que ele vive.

Jámais pude conceber a "arte pela arte" pura. Sempre contém a obra artística sentido humano. Neutralidade, posição nirvânica, é impossível nas manifestações do espírito. O que é de mistério se observe é o método com que há de analisar a obra... Como diz muito bem Tasso da Silveira, o pensamento filosófico exprime-se por "afirmações", a arte, por "símbolos". O que nos esclarece esta frase de Hegel: "a beleza é a manifestação sensível da idéia". A sensibilidade é expressão mística da idéia. Por isso, interpretar idéias é crítica direta, racional, enquanto interpretar símbolos é crítica indireta, intuitiva. Muita vez, a obra artística não é fácil de ser decomposta em sua expressão simbólica. Contudo, sempre traduz um sentido, que é o seguido pelo homem — o artista. Vicente Licínio Cardoso afirma que a "obra de arte é, em definitivo, o meio através do qual o homem expressa as suas idéias, os seus sentimentos, as suas necessidades". O mesmo se dá em se tratando das civilizações. A filosofia da arte verifica muito bem a distinção, no tempo e no espaço, das manifestações artísticas. Se o homem não é somente produto do meio, a obra de arte traz, com efeito, além dos anseios do homem, os característicos do respectivo meio.

A finalidade social da arte é, pois, consequência natural do que sente o homem em dado lugar, no espaço, ou no tempo. Se vivemos em determinada época, ou tratamos de determinada civilização, expressa a arte as aspirações e necessidades desse ambiente histórico e geográfico, através do homem que nela vive. Escreve Plínio Salgado, no prefácio de "O Esperado", que "o artista é um médium das intenções do seu Tempo". É que a arte não é criação idealista somente. Mas a "realização do ideal na idealização do real". "A arte tem um fim social", — acentua Nestor Victor. Sempre possui, além do valor estético, que é o seu objetivo, conteúdo de valores lógico, ético ou religioso. "A arte é a natureza espiritualizada para o bem ou para o mal", conceitua Tristão de Ataíde. Pois se "o fim da arte não é o bem nem a verdade senão a beleza", no entanto, revelando a beleza, é criação humana, e o homem não pode ser concebido num mundo em que não existe a verdade e o erro, o bem e o mal, o santo e o profano. Quando críticos escrevem frases como estas: "é pueril exigir-se arte moralista e moralizadora", "em arte não há erros", ou "a arte não tem religião", vê-se que não apanharam totalmente a questão. E falam com a inconsciência da verdade... É preciso dizer mais sobre problema tão grave. Não interessa arte moralista ou moralizadora, nem os erros ou a religiosidade da arte. O que interessa, porém, é que o homem prefira a verdade ao erro, o bem ao mal, a santidade ao profano. A arte pode ser livre, o homem não, sem prejuízo dele mesmo. Isso pelo simples fato de que está sujeito ao erro, ao mal, ao profano. Esclareça-se ao homem, moralize-se o homem, santifique-se o homem. Eis o problema. Assim ficará satisfeito o tabu da arte livre e a necessidade da lógica, da moral e da religião. Pois ninguém ousará afirmar que o homem deve ser errado, mau e anti-religioso, para que a arte, obrigatoriamente, seja livre... pois seria isso a arte perturbando os domínios da lógica, da moral e da religião, oprimindo-as..., o que estaria contra a coerência dos estetas puros. Neste caso caberia reivindicar o direito da lógica, religião e moral, serem livres da arte absolutista, para poderem orientar o homem no caminho certo, bom e santo. Os outros valores do humano não estão abaixo do artístico, na hierarquia dos valores da vida. O santo, o bem, a verdade e o belo, não são valores incompatíveis entre si, mas harmônicos, na composição da obra de arte. Há muitos caminhos, por onde pode o artista chegar à sua finalidade, que é a expressão do belo. Entre esses, o ideal seria todos os valores positivos integrando a obra: belo (mais) verdade (mais) bem (mais) santo. A arte, finalizando-se na beleza, percorre com o seu criador um sentido humano. Realidade criativa do artista, sujeito às inquietudes de ordem social ou filosófica, é natural manifeste a arte essas inquietudes. A filosofia da arte cabe conduzir, então, essas inquietudes, pelo melhor caminho.

Na era em que vivemos, de conflitos e preparativos para nova civilização, é normal a arte preocupar-se com as preocupações do homem. É até louvável tais manifestações finalísticas. "Toda arte é maior quanto mais humana", diz Tristão de Ataíde. Pois nada mais desadadado, inútil, ridículo mesmo, do que arte ou artista fora de seu tempo: fora da realidade. Nas épocas de transição como a nossa, há numerosos casos desse. Quanta gente por aí não faz literatice irritante, sem atender aos indicativos superiores da vida! Que andam perambulando no mundo da lua, cega ao sol esplêndido que nasce, espargindo os raios fecundantes de uma

nova idade média, do limiar da idade nova, do último ocidente, — dê-se o nome que quiser mas que sintonize a realidade sentida e inegável, — algo de novo que nasce!

Em suma: não concebo artista algu mescreva por mero diletantismo. Aquele que assim se julgar, ainda está orientando a obra num sentido. Existindo o homem, ou coopera ou não, com os outros homens. "Nada de supremamente racional saiu da pura razão, como nada de supremamente artístico saiu da pura arte", — proclama Chesterton. Os armadores de frase, que pretendem fazer arte pela arte na sua torre de marfim, esses não são artistas. Incapazes de refletir o sentido da própria vida, são apêndices inúteis. Ao invés de arte, fazem artifício. Não são artistas, são artifices. Não sentem a plenitude da beleza mas ostentam o brinqueado engenhoso das palavras, em seu artificialismo. E devem ser proscritos da crítica séria, porque nada mais pretendem do que fazer farra com a inteligência. Mais do que fora do mundo, vivem fora de si mesmos. Negando a sua humanidade. Como quem desejasse fazer obra de arte, trabalhasse carinhosamente, e terminada a obra, verificasse que tinha feito algo sem "valor", algo inexistente, nunca imaginado e imaginável... Realmente, a arte pela arte não existe na realidade. É expressão anti-filosófica. Aceitá-la é julgar o homem um ser desinteressado da vida, da sociedade e de si mesmo. O que é admissível é chamar-se arte pela arte a arte exprimindo sentido anti-humano, de valores negativos, e, por isso, contra o homem. A lição do evangelho é total: "Quem não é por mim é contra mim". A arte que não é pelo homem é contra o homem. E por ser contra o homem é negação de si mesma. Deve ser orientada positivamente. Pelo homem.

Distinga-se, ainda, arte com finalidade social, de arte a serviço. Constitui essa mero instrumento de propaganda. Não tem por fim a beleza mas a utilidade. O que foi, até certo ponto, equívoco dos

escritores do século XVIII, em França. Incapazes de compreender o princípio do desinteresse, na época agitada em que viveram. Foi erro natural, explicável em virtude do ambiente. Hoje afirmamos que a arte não pode ser desinteressada do homem e do mundo. O que não quer dizer não tenha por essência a beleza. Podemos esclarecer este ponto dizendo que a beleza é o símbolo da idéia. Como já escrevi alhures, "que se compreenda o fenômeno artístico, em sua plenitude, como forma por onde o belo se manifesta, inspirado de uma interpretação humana do mundo".

Entretanto, mesmo fazendo arte a serviço, é tão poderoso o espírito, que excede as próprias normas críticas. É o caso do talento ou do gênio, causa da criação artística. Mallarmé, redigindo uma revista de modas, fazia verdadeiras obras primas de seus anúncios. A genialidade sobrepasa as medidas comuns. A beleza, essência da arte, é fulguração da genialidade. Que mesmo fazendo arte a serviço, faz arte genuína". O gênio é incompressível", disse Rocha Loures Sobrinho, saudoso amigo e grande esperança fenecida de sua geração. Com efeito, a inteligência genial a tudo suplanta, ultrapassa, ilumina a terra escura com a luz misteriosa da alma, que não se satisfaz na vida imperfeita. Os arroubos do gênio é um esforço além do humano. Para descobrir a beleza que foi criada por Deus. É uma recriação, portanto. Nesse descobrimento da beleza criada está o segredo de uma origem divina e a revelação de um destino eterno. O homem chega ao transcendental pela arte. A origem e ao fim. A beleza, na verdade, é reminiscência da felicidade perdida e expectativa da felicidade almejada. É a saudade e a esperança de Deus! De Deus, que é o supremo "valor" — a suprema verdade, o supremo bem, a suprema santidade, a suprema beleza!

(Do livro inédito "Figuras que falam", coletânea de entrevistas literárias organizada por Rodrigo Junior e Gabriel Fontoura, em 1940).